



Formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais: “afogue-se ou nade”— até quando?¹⁵

La formación de traductores/intérpretes de lengua de señas: “ahogarse o nadar”: ¿hasta cuando?

Mônica Raquel de Souza Duarte¹⁶

RESUMO

O presente trabalho é uma versão expandida da apresentação em fórum no Instituto Nacional de Educação de Surdos cujo tema abordou a formação profissional do tradutor e intérprete de Libras. Apresentamos o embasamento para a promoção da formação (Decreto nº 5.626/2005), as consequências da escassez de oferta de formação específica, assim como os efeitos que a falta de formação pode

ABSTRACT

El trabajo es una versión ampliada de la ponencia en el foro del Instituto Nacional de Educación de Sordos cuyo tema abordado fue la formación profesional de los traductores e intérpretes de Libras. Presentamos las bases para la promoción de la formación (Decreto nº 5.626/2005), las consecuencias de la escasez de la oferta de formación específica, así como los efectos que la falta de

¹⁵ Tema apresentado no Fórum Permanente de Educação, Linguagem e Surdez, realizado em 30 de junho de 2015, com acréscimo de conteúdo.

¹⁶ Graduação em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Libras pela Faculdade Internacional Signorelli (RJ). Intérprete do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). E-mail: monicaraquelibras@gmail.com.

ter sobre a identidade profissional. O trabalho destaca a necessidade de os tradutores e intérpretes contribuírem com a produção de conhecimento, com presença ativa nas discussões sobre o seu fazer. Analisamos a questões que envolvem a diferença entre tradução e interpretação, descrição de procedimentos técnicos bem como a complexidade das atividades. O enfoque do trabalho está no quanto o conhecimento e as ações definidas podem contribuir para a valorização e o respeito pela profissão e pelos que a exercem em oposição ao desserviço que a falta de ações alinhadas, de embasamento e o desconhecimento ou a desatualização fatalmente trazem. Em linhas gerais, buscou-se enfatizar não só os desafios e barreiras encontrados por tais profissionais, mas, principalmente, propor medidas que promovam a legitimação da profissão, que deixem claro o papel que exercem e que possibilitem ações coerentes e com o devido fundamento.

Palavras-chave:

Tradução e interpretação. Tradutor e intérprete de língua de sinais. Formação profissional.

formación pueden tener sobre la identidad profesional. El texto apunta la necesidad de contribución de traductores e intérpretes a la producción de conocimiento, con una presencia activa en las discusiones acerca de su hacer. Se analizan cuestiones relacionadas con la diferencia entre traducción e interpretación, descripción de los procedimientos técnicos y la complejidad de las actividades. El trabajo mira a la posibilidad de contribución que los conocimientos y acciones definidas pueden dar a la valoración y al respeto por la profesión y por aquellos que la ejercen. Hemos tratado de destacar no solo los desafíos y obstáculos encontrados por estos profesionales, pero sobre todo de proponer medidas para promover la legitimidad de la profesión, dejar claro el papel que desempeñan estos profesionales y permitir acciones coherentes y con el debido fundamento.

Keywords:

Traducción e interpretación. Traductor e intérprete de lengua de señas. Formación profesional.

INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é uma expressão conhecida entre os tradutores e intérpretes. Originalmente em inglês *sink or swim* — “afogue-se ou nade” em português — descreve bem como a maioria

dos profissionais começou a atuar como tradutor ou intérprete, especialmente tradutores e intérpretes de línguas de sinais. Trata-se do “método de formação” aprender fazendo sem ter tido acesso a um treinamento formal e específico. Analisaremos, com base em Pagura (2003), as diferentes operações em tradução e interpretação e as implicações na atuação.

O propósito é discutir a implementação de medidas de formação de tradutores e intérpretes do par linguístico Libras/Língua Portuguesa (TILSP ou TILS) tendo em vista que a gênese de atuação basicamente empírica deixou marcas que contribuem para equívocos tanto na visão que o TILSP tem de si mesmo como na visão de outros sobre o seu trabalho, e isso inclui as instituições nas quais atuam. No entanto, segundo Santos (2010), tem havido um deslocamento no processo de formação acadêmica e profissional especialmente após o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e a criação do curso Letras/Libras, bacharelado em tradução e interpretação, em 2008.

Considerando o exposto, o principal objetivo do trabalho é analisar como a questão de formação de TILSP era tratada, como tem sido tratada e que ações e providências estão em andamento para que a formação seja formal, específica, institucionalizada e condizente com as exigências do âmbito no qual atuam. Faremos tal consideração no viés de atuação no campo educacional e no nível superior. Para tanto, daremos destaque a declaração resultante do I Fórum dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais das Instituições Federais de Ensino, realizado nos dias 13 e 14 de novembro de 2014, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Todas as questões levantadas apontam para a urgente necessidade de discutir, prover, respeitar e valorar a formação. Tais ações legitimam, embasam e respaldam a atuação de tradutores e intérpretes. As atuais conquistas e lutas em curso apontam que a definição clara do papel desse profissional é um bem a ser consolidado, principalmente, nas instituições de ensino.

FORMAÇÃO EMPÍRICA

Entre os tradutores e intérpretes a expressão “afogue-se ou nade” é bem familiar. Originalmente em inglês, *sink or swim* era usada para descrever a situação na qual intérpretes de conferências em interpretação simultânea entre línguas orais se encontravam ao terem de dar conta de um trabalho complexo para o qual não tiveram o devido preparo. Por extensão, podemos aplicar tal expressão a qualquer âmbito de atuação desses profissionais, seja em línguas orais ou de sinais.

Especialmente nas línguas de sinais são muito recentes as discussões e até mesmo a oferta no Brasil de formação específica, ou seja, que tradutores e intérpretes tenham formação em tradução e interpretação. Ainda é comum que mesmo em espaços onde a língua de sinais circula, embora promovam temas como bilinguismo, inclusão, educação de surdos e surdez dediquem uma parcela ínfima a temas relacionados com tradução e interpretação.

Intérpretes educacionais, de conferências, de atendimento e assim por diante, mesmo que tenham formação específica, acesso prévio ao conteúdo a ser abordado e condições adequadas de trabalho, sabem

que ainda assim a adrenalina ao lidar com o inesperado, a capacidade de fazer adaptações e adequações, as tomadas de decisão enquanto monitora a memória de curto prazo fazem parte da realidade no exercício de sua profissão, especialmente na interpretação simultânea.

O intérprete (simultâneo) tem de ter a capacidade de concentrar-se no que está ouvindo a fim de processar a informação imediatamente e re-expressá-la na língua-alvo, sem se descuidar da próxima unidade de sentido sendo expressa pelo palestrante imediatamente a seguir (PAGURA, 2003, p. 229).

Em virtude de tal complexidade é imprescindível que tradutores e intérpretes de língua de sinais conheçam sua profissão, saibam embasar suas ações e argumentos e assim legitimar seu papel e seu lugar.

Conhecer a profissão, a descrição de seu trabalho e suas implicações embora pareçam premissas básicas em qualquer profissão, na verdade são questões frequentemente distorcidas quando não totalmente equivocadas e que reclamam esclarecimentos quando se trata de tradutores ou intérpretes envolvendo língua de sinais.

Um exemplo clássico é a confusão que se faz com algo tão claro quanto a definição dos termos tradutor e intérprete e as características específicas de cada atividade.

Em termos simples o tradutor trabalha com a palavra escrita e o intérprete com a palavra falada. Nosso enfoque deste trabalho, no entanto, não é detalharmos cada atividade com suas similaridades e suas diferenças, o que implicaria, além do que foi até aqui exposto, abordar as especificidades dos trabalhos com textos videografados por envolver no par linguístico uma língua de sinais. O curioso é que, em geral, não se vê tal dificuldade quando tais processos envolvem línguas orais. As

peças sabem diferenciar o tradutor de uma obra literária ou de um texto técnico, por exemplo, de um intérprete de uma autoridade durante seu pronunciamento ou mesmo na entrega de prêmios internacionais.

Levantamos brevemente esses aspectos apenas para reforçar a importância da formação, conscientização e informação para os profissionais da área, pois sua conduta afeta o modo pelo qual são encarados.

CONSEQUÊNCIAS DO “MÉTODO”

Aprender fazendo ainda é a realidade de muitos TILSP e, na verdade, foram suas experiências que forneceram subsídios e promoveram a investigação e a base para a formação institucionalizada. Tal contribuição é inegável e as trocas, as buscas aos pares como frequentemente sendo o único auxílio e a disposição de compartilhar continua enriquecendo a categoria.

No entanto, a falta de embasamento teórico que justifique as práticas e escolhas resultou em situações desconfortáveis tanto na visão que o TILSP tem de si mesmo como na visão que outros demonstram ter sobre seu trabalho.

Como resultado da pouca oferta de formação específica ainda tão presente e o desconhecimento de diretrizes definidas para atuação, temos se observa a falta de alinhamento entre esses profissionais. E quando ações e procedimentos são relegados à opinião ou à preferência pessoal e não às normas ou orientadas aos fundamentos, a consequência é a falta de clareza no fazer ou mesmo confusão. Fato este que promo-

ve conceitos tão prejudiciais como o “tradutor e intérprete do bem” e o “tradutor e intérprete do mal”. Sendo o “do bem” aquele que faz o que é conveniente para o cliente, contratante ou instituição, e o “do mal”, aquele que não abre mão de preceitos do trabalho. São variados tipos de comentários:

- Ele é rápido, nem preciso entregar material com antecedência que ele dá conta.
- Ele interpreta sozinho por horas sem revezamento, nem precisa de alguém para formar dupla com ele.
- Ele é tão bom que basta passar os olhos no texto e ir para o estúdio. Alguém lê e ele traduz tudo na hora. Não precisamos de equipe, nem mesmo projeto de tradução, ele mesmo traduz, roteiriza, ilumina, filma, edita, faz a revisão...

Infelizmente tais comentários não são hipotéticos, são mais vivenciados por muitos TILS que além de terem de lidar com a complexidade e a carga de energia e concentração que o trabalho em si exige, ainda deparam com o desgaste que tais opiniões causam. Reivindicar respeito nessas condições é extremamente dificultado quando não se sabe como proceder adotar; ou quando outros, além de não combater tais equívocos, os promovem. Afinal alguém se refere assim aos profissionais de tradução e interpretação das línguas orais? Essas questões que envolvem o trabalho em equipe e a necessidade de revezamento não são verificadas junto a tais profissionais, antes, entende-se a complexidade do trabalho e a justificativa para o revezamento.

[...] a compreensão da ideia permite que o intérprete se liberte das palavras e parta, uma vez mais, para a re-expressão da mensagem de forma mais distante da sintaxe e léxico da língua de partida e mais adequada à língua de chegada. A concentração tem de ser total, e por essa razão os intérpretes trabalham em duplas e se revezam a intervalos entre 20 e 30 minutos (PAGURA, 2003, p. 229).

Com uma equipe de tradução não é diferente, não é esperado que o tradutor traduza, edite, ilustre, diagrama, opere máquinas de impressão, faça a revisão do próprio texto entre outras etapas do trabalho, mas, frequentemente, questiona-se ao profissional em tradução de/para Libras o motivo de toda tradução fazer parte de um projeto, a razão de se seguir etapas específicas bem como por que é necessária uma equipe que exerça as diferentes ações envolvidas.

Outra consequência da falta de formação técnica e específica é o enfoque em apenas uma das competências, nesse caso, a linguística, sem levar em consideração as outras, como a competência tradutória e a referencial. Um mito comum é de que saber uma língua faz da pessoa um tradutor ou intérprete dela. Ser fluente em uma segunda língua faz a pessoa bilíngue, não a torna profissional em tradução e interpretação.

Apenas para citar uma das competências básicas, a competência referencial, por exemplo, deve ser parte constante da rotina do trabalho, pois a busca por ela prepara e permite ao profissional desempenhar trabalhos de tradução e interpretação de qualquer área.

Tanto a tradução quanto a interpretação devem ser realizadas por profissionais capazes de compreender e expressar ideias relacionadas às mais diferentes áreas de conhecimento humano, sem ser especialistas nessa área, como o são seus leitores ou ouvintes (PAGURA, 2003, p. 224).

Portanto, o desconhecimento de técnicas e estratégias específicas gera insegurança e sofrimento desnecessário, uma vez que muitas angústias quanto ao que fazer ou como fazer são sanadas com a formação específica.

Outro desafio ao caráter profissional que o fazer merece podemos destacar a visão assistencialista sobre o trabalho. O fato de a imersão linguística da maioria dos TILS ter se dado em ambiente familiar, religioso ou em relações fraternas não deveria caracterizar o trabalho como assistencialismo, voluntariado ou sacerdócio. São louváveis as atividades realizadas em tais âmbitos, no entanto, é preciso dissociar tais obras de formação, direitos empregatícios, regimentos de trabalho, remuneração, carga horária e tudo o mais relacionado ao papel profissional.

A pouca participação nas discussões, especialmente no âmbito acadêmico, e a confusão de papéis ocorre não apenas por parte dos outros, mas entre os próprios TILSP.

MUDANÇA NO CENÁRIO

De acordo com o Decreto nº 5.626/2005, capítulo V, art. 17, a formação do tradutor e intérprete de Libras/Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras/Língua Portuguesa. Desde então, mais ações a favor de tal formação têm sido fomentadas, entre elas o curso Letras/Libras com bacharelado em tradução e interpretação, iniciado em 2008.

Tais ações foram e ainda são vitais para a constituição de uma identidade profissional, de consolidação do espaço, para a abertura no campo dos

estudos da tradução e uma mudança no enfoque para os estudos da tradução e interpretação. Essas são mudanças importantes, conforme destacado por Santos (2010, p. 145):

No Brasil, há poucas décadas, se nós perguntássemos qual seria um “lugar” interessante para a formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais, a maioria das respostas apontava a área de educação como um dos “espaços” mais adequados. Pouquíssimas eram as respostas que se afiliavam com o campo disciplinar dos estudos da tradução, e, mais raramente, aquelas que descreviam com precisão as competências e habilidades de um tradutor/intérprete de língua de sinais e/ou perspectivas teóricas que embasassem a prática desses profissionais.

Alguns resultados desse espaço que os TILSP têm conquistado por meio da formação já podem ser vistos, especialmente pelo modo como eles estão se organizando para legitimação de sua profissão. Um exemplo disso, foi o I Fórum dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais das Instituições Federais de Ensino, realizado nos dias 13 e 14 de novembro de 2014, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O fórum contou com a participação de 115 representantes de 55 instituições federais de ensino superior de todas as regiões do Brasil. A declaração então produzida e encaminhada aos órgãos competentes contempla questões como: posicionamento na carreira, cargos com nível de classificação E, ou seja, de nível superior; leis e documentos normativos que definem a carreira institucionalmente, qualificação profissional, operacionalização dos serviços na instituição, carga horária, revezamento e trabalho em equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, podemos afirmar que embora tenhamos conquistado algum respeito e reconhecimento, precisamos avançar, buscar formação, alinhar os procedimentos, embasar as ações e reafirmar o papel e identidade profissional dos TILSP.

O recente espaço nos estudos da tradução e nos estudos da interpretação tem possibilitado nossa presença tradutores e intérpretes de Libras/Português como produtores de conhecimento, e não apenas como a “ponte” para ele.

Portanto, ao traduzir ou interpretar, que o façamos com a técnica, a segurança e o respaldo que a formação pode fornecer, e que ao falarmos sobre a nossa profissão e discutirmos sobre tradução e interpretação, que o façamos com a mesma propriedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disposição sobre a Língua Brasileira de Sinais — LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

DECLARAÇÃO: I Fórum dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais das Instituições Federais de Ensino, 2014. Disponível em: <<http://forumtilspife.paginas.ufsc.br/declaracao-do-i-forum/>>. Acesso em: jun. 2015.

PAGURA, R. *A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores*. São Paulo/Rio de Janeiro: PUC-SP, Associação Alumni/ISAT-RJ, 2003.

SANTOS, S.A. *Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre as identidades*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SANTOS, S.A. *Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação acadêmica e profissional*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.